Inscripções rupestres no Brasil

O problema da interpretação dos signaes e figuras gravados ou pintados em rochedos, tão communs em todo Brasil e vulgarmente conhecidos pelo nome de *pedras de letreiros*, problema que desafiou tão fortemente a argucia dos investigadores e gerou as mais diversas e oppostas opiniões, já teve emfim solução satisfactoria, curial e definitiva.

Com pezar dos imaginosos adeptos da existencia de antiquissimas civilizações perdidas no sólo brasileiro, que viam na decifração daquellas figuras a promessa de poderem um dia devassar os arcanos inviolados da era pre-colombiana, a sciencia foi demonstrando a verdade, hoje inconcussa, de serem apenas meros desportos ociosos de gentes tão primitivas quão primitivo é o processo de sua execução.

O venerando americanista dr. Richard Andree foi quem abriu a discussão, negando qualquer importancia a estes vestigios prehistoricos, que qualificou de productos do simples passatempo accidental de individuos desoccupados e comparou ás garatujas e esboços com que os collegiaes cobrem o mobiliario e as paredes das aulas e a populaça enche os muros de certos lugares publicos.

O dr. Karl von den Steinen, sectario da mesma doutrina, acrescenta, para refutar uma objecção frequentemente opposta a esta theoria, que «o praser de semelhante passatempo não é senão augmentado pelas

difficuldades materiaes de sua execução; o tempo empregado não tem importancia; um capricho trivial não se torna mais serio pelo facto de ser preciso lavrar a pedra durante um par de mezes para realisar o mesmo capricho».

E, já em 1893, o ethnologo norte-americano Garrick Mallery, na obra monumental—*Picture writing of the American Indians*, depois de examinar milhares de inscripções lapidares de toda America, assignalou a sua completa auzencia de significação symbolica e de valor documental.

A resultados identicos chegou tambem o meritissimo viajante allemão dr. Theodor Koch Gruenberg, que permaneceu, de 1903 a 1905, entre os indigenas do Alto Rio Negro e do Jupurá; as conclusões expostas por elle na excellente monographia *Sud amerikanische Felszeichnungen* foram de modo a encerrar o debate sobre a questão.

Estas conclusões, amplamente explanadas no meu recente livro *Prehistoria Sul-Americana*, acabam, mais uma vez, de ter plena confirmação por parte duma das autoridades mais competentes no assumpto, o preclaro ethnologo sueco sr. E'ric Boman, no seu grandioso livro sobre as *Antiquités de la Région Andine de la République Argentine et du Desert de Atacama*, cujo segundo volume, agora apparecido em Paris, o autor teve a gentileza de me enviar.

Não tendo o seu valioso testemunho chegado a tempo de ser inteiramente aproveitado no meu citado trabalho, quero patentea-lo aqui para escarmento final dos poucos relapsos ainda aferrados á crença irrisoria de serem os alludidos desenhos lapidares verdadeiros hieroglyphos, significativos e decifraveis.

Depois de analysar grande numero de inscripções rupestres observadas nas regiões percorridas, o eminente naturalista estudou as suas relações com as de outras partes da America do Sul, notando que:

«Os petroglyphos brasileiros, exceptuada uma parte dos da região amazonica, são em geral os mais imper-

feitos e os mais infantis como desenho e como execução; nelles são raras as figuras reconheciveis.»

Aborda, em seguida, o problema da sua origem e significação, concluindo plausivelmente:

«Quanto á causa primordial que induziu os homens a gravar ou a pintar figuras em rochedos, creio ter sido o que podemos chamar de «instincto artistico», isto é, a disposição esthetica do homem. Este instincto se manifesta duma maneira muito semelhante na creança das raças civilisadas e no homem das raças primitivas. Não ha grande differença entre os primeiros ensaios de garatujas de nossos filhos, a lapis sobre o papel, e os desenhos traçados pelos selvagens sobre a areia com um pedaço de pau. Nos primeiros é uma manifestação do pendor natural para a arte graphica; nos ultimos a expressão do estado definitivo actual, na raça, do desenvolvimento desta mesma faculdade natural. Depois do desenho na areia, os selvagens inventaram a gravura sobre rochas muito tenras e, percebendo serem estes desenhos poucos duradouros, começaram a gravar linhas sobre rochas duras.

«Assim devem ter sido feitos os primeiros petroglyphos, os mais rudimentares e os mais incomprehensiveis. Mais tarde, num estadio de cultura mais elevado, como entre os Andinos, passaram a gravar verdadeiras imagens de objectos reaes e a estylizal-as, acrescentando-lhes os artistas os ornamentos que puderam inventar.

«As obras rupestres da região ando-peruana manifestam um gráo muito mais avançado da arte do que, por exemplo, as do Brasil; ainda assim, em geral, não se nota coherencia alguma entre as diversas figuras de cada inscripção, como, aliás, é igualmente o caso com quasi todos os petroglyphos americanos. Não passam de figuras independentes umas das outras, e de «signaes» e linhas provavelmente ornamentaes e não ideographicas ou symbolicas. Mesmo quando as inscripções são compostas unicamente de linhas curvas irregularmente entrelaçadas, é possivel que estas linhas tenham sido traçadas com um intuito esthetico.

«Talvez os proprios homens da épocha dos petroglyphos considerassem estas obras enigmaticas simplesmente como obras d'arte, que satisfaziam as suas concepções estheticas sem ter nenhuma significação precisa».

Supposto mesmo tivessem primitivamente qualquer significação, pensa o sr. Boman que jamais seria possivel decifrar os petroglyphos. «Só por meio de tradições conservadas pelos indigenas actuaes, asserta elle, poder-se-hia chegar a semelhante fim, conforme por esta maneira foram obtidos alguns esclarecimentos a proposito de certos petroglyphos da America do Norte. Mas, nas regiões de que nos occupamos, estas tradições não existem; tudo o que os indigenas sabem dizer dos petroglyphos é que foram feitos pelos *antigos*».

A exemplo do dr. Hermann von Ihering e do proprio dr. Kock-Gruenberg, o illustre investigador sueco acredita que as inscripções rupestres poderiam fornecer indicios preciosos quanto á antiga distribuição geographica dos povos americanos e quanto ás suas migrações se fosse possivel classifical-as definitivamente em typos ou grupos, segundo o seu estylo, as suas differenças, as suas analogias.

A semelhante classificação oppõe-se, porém, irremediavelmente a relativa exiguidade numerica dos petroglyphos comparada á infinita variedade de seus caracteristicos.

ALFREDO DE CARVALHO.

9—2—910.